

Léon Denis

**Síntese Doutrinária
Prática do Espiritismo**

*Traduzido do Francês
Léon Denis - Synthèse doctrinale et pratique du Spiritualisme
Paris (1921)*

Tradutor José Jorge



Rembrandt - O Moinho



Conteúdo resumido

Nesta obra Léon Denis enfoca, em forma dialogada (perguntas e respostas), temas essenciais referentes ao Espiritismo.

Logo adiante, na Introdução, o próprio autor esclarece mais detalhadamente o conteúdo da obra e o público a que se destina.

Introdução	2
I – Do Homem	5
II – Da Reencarnação	8
III – O Lugar da Reencarnação	11
IV – Origem da Vida sobre a Terra	16
V – Os Espíritos; Deus	18
VI – A Doutrina do Espiritismo	22
VII – Prática Experimental	27
VIII – Consolações; Estética: o Belo, o Verdadeiro, o Bem	36
IX – Preces e Evocações	44
» Para uso dos Grupos Espíritas	44
» Para a França, durante a Guerra	48
» Para um Casamento	49
» Para um Nascimento	51
» Para um Funeral, saída do Corpo	52
» Na Sepultura de um Espírita	53
» Para a Festa dos Mortos	55

Introdução

Esta síntese, ou melhor este catecismo espiritualista, tem apenas um mérito: o de ser idealizado e organizado segundo a ordem natural das idéias. O espírito humano, com efeito, deve submeter a certas regras sua marcha evolutiva e seus procedimentos lógicos. Está na sua natureza não passar a uma segunda verdade senão quando já tenha assimilado a primeira e de percorrer, assim, toda a série de princípios, sem omitir um só de seus elos.

Desse modo, as primeiras verdades não têm necessidade das que a seguem, para que sejam compreendidas. E o erro cometido pela maior parte dos homens superiores, autores de

livros elementares, é querer lhes aplicar o método científico, que preside suas concepções e seus estudos pessoais. Na opinião deles, como as verdades mais complexas abrangem todas as outras, é por aquelas que se deve começar. Este processo é evidentemente científico, porque a ciência consiste em se partir de uma verdade composta para se chegar a uma verdade mais simples e mais elementar. Todavia, não é esse o processo natural, nem a marcha instintiva da razão.

É por isso que, destinando esta modesta obra aos jovens ou aos adultos ainda não iniciados no espiritualismo doutrinário e experimental, preferimos começar por este problema objetivo, que se toca, por assim dizer, com o dedo: Que é o homem?

Os outros catecismos, feitos por teólogos ou por filósofos, começam ordinariamente por esta questão: Que é Deus? É mais solene, porém muito menos prático.

É infinitamente mais lógico começar pelas verdades elementares, as que se acham ao nível das mais modestas inteligências, para se subir gradualmente até à noção de Deus e às verdades superiores, que são como um reflexo da Potência suprema. Assim, o alpinista começa seu trajeto ao pé da montanha, interrogando as flores e os musgos que revestem os primeiros declives; depois, à medida que sobe, vê o céu se aproximar, o horizonte se alargar, e termina por atingir os cimos que a neve cobre com sua brancura imaculada. Assim, os que lerem este livro, cujas linhas iniciais são simples, à medida que manusearem suas páginas, chegarão, eles também, às regiões mais altas e acabarão por atingir os transcendentais cimos da eterna metafísica.

Quisemos compor esta obra segundo o velho método dialogado, com perguntas e respostas. É a mais popular forma e a mais apropriada ao espírito das crianças, embora este livro, já o dissemos, destine-se também às pessoas de todas as idades, pois o homem fica sempre criança, isto é, ignorante em face dos grandes problemas.

Os catecismos têm uma vantagem: permitem reunir a simplicidade da forma à majestade das doutrinas. São ao mesmo tempo o humilde regato aonde vem se abeberar a pomba e o lago

profundo onde a águia das grandes altitudes se dessedenta e vem projetar nas águas um olhar que fixa o sol, sem pestanejar.

Em nossa opinião, faltava um tal livro. A doutrina esparsa nos grupos, difusa nas revelações mediúnicas de todos os graus e de toda a natureza, tinha necessidade de ser, de alguma forma, reunida, recapitulada com simplicidade, concisão e clareza.

O Espírito sopra onde quer, quando quer, segundo correntes divinas da inspiração: é a lei de todas as revelações superiores – feitas aos homens. Cabe a estes reunir, condensar essas verdades fragmentárias, esses raios dispersos e disso compor a síntese luminosa, o encadeamento harmonioso.

Dignem-se os Espíritos mais velhos e benfeitores que inspiraram esta obra iluminar a inteligência dos que a lerem. Dela possa Deus tirar alguma glória e as almas retas, investigadoras da verdade, nela encontrar um pouco dessas luzes que esclarecem o grande mistério do destino e nos tornam mais aptos a cumpri-los, tornando-nos mais resignados e melhores.

I

Do Homem

1. Que somos nós, você, eu e nossos semelhantes?
r. Somos seres humanos.
2. Que é um ser humano?
r. Um ser composto de uma alma e de um corpo, isto é, de espírito e carne.
3. Que é, então, a alma?
r. É o princípio de vida em nós. A alma do homem é um Espírito encarnado; é o princípio da inteligência, da vontade, do amor, a sede da consciência e da personalidade.
4. Que é o corpo?
r. O corpo é um envoltório de carne, composto de elementos materiais, sujeitos à mudança, à dissolução e à morte.
5. O corpo é, então, inferior à alma?
r. Sim, porque ele é apenas sua vestimenta.
6. É necessário então desprezar o corpo, já que ele é inferior à alma?
r. De maneira alguma: nada é desprezível. O corpo é o instrumento de que a alma tem necessidade para realizar seu destino; o operário não deve desprezar o instrumento com o qual ganha seu sustento.
7. Como está unida a alma ao corpo, o espírito à carne?
r. Por meio de um elemento intermediário, chamado corpo fluídico ou perispírito, que participa, ao mesmo tempo, da alma e do corpo, do espírito e da carne e os vincula, de alguma forma, um ao outro.

8. Que quer dizer a palavra perispírito?

r. Esta palavra quer dizer: o que está em torno do Espírito. Da mesma forma que o fruto está contido num envoltório muito delgado chamado perisperma, o Espírito está envolvido por um corpo muito sutil denominado perispírito.

9. Como o perispírito pode unir a carne ao Espírito?

r. Penetrando-os e permitindo se interpenetrarem. O perispírito comunica-se com a alma através de correntes magnéticas e com o corpo por meio do fluido vital e do sistema nervoso, que lhe serve, de certa forma, de transmissor.

10. Então, o homem é, na realidade, composto de três elementos constitutivos?

r. Sim, esses três elementos são: o corpo, o espírito e o perispírito.

11. Quando e onde começa essa união da alma e do corpo?

r. No momento da concepção, e se torna definitiva e completa por ocasião do nascimento.

12. A alma está encerrada no corpo ou é o corpo que está contido na alma?

r. Nem uma nem outra coisa. A alma, que é espírito, não pode ficar encerrada num corpo; ela irradia por fora, como a luz através do cristal da lâmpada. Nenhum corpo pode mantê-la materialmente cativo; ela pode exteriorizar-se.

13. Entretanto, não há um ponto preciso do corpo onde a alma pareça mais particularmente ligada?

r. Alguns sábios assim acreditaram, porque confundiram a alma com o fluido vital. A alma é indivisível e está, portanto, toda inteira, por todo o nosso corpo, mas sua ação se faz mais particularmente sentir no cérebro, quando se pensa, e no coração, quando se sofre e se ama.

14. A alma se separa do perispírito, quando se separa do corpo?

r. Nunca. O perispírito é sua vestimenta fluídica indispensável. O perispírito precede a vida presente e sobrevive à morte. É ele que permite aos Espíritos desencarnados materializar-se, isto é, aparecer aos vivos, falar-lhes, como acontece por vezes nas reuniões espíritas.

15. O perispírito é então um corpo fluídico semelhante a nosso corpo material?

r. Sim. É um organismo fluídico completo; é o verdadeiro corpo, as verdadeiras formas humanas, a que não muda em sua essência. Nosso corpo material se renova a cada instante; seus átomos se sucedem e se reformam; nosso rosto se transforma com a idade; o corpo fluídico propriamente dito não se modifica materialmente; ele é nossa verdadeira fisionomia espiritual, o princípio permanente de nossa identidade e de nossa estabilidade pessoal.

16. Onde estava a alma, antes de encarnar num corpo?

r. No espaço. O espaço é o lugar dos Espíritos, como o mundo terrestre é o lugar dos corpos.

17. Onde, então, o perispírito encontrou seu fluido?

r. No fluido universal, isto é, na força primordial, etérea. Cada mundo tem seus fluidos especiais, tomados ao fluido universal; cada Espírito tem seu fluido pessoal, em harmonia com o do mundo que ele habita e seu próprio estado de adiantamento.

18. Que é o espaço?

r. É a imensidade, isto é, o infinito onde se movem os mundos, a esfera sem limites, que nosso limitado pensamento não pode conceber nem definir.

II

Da Reencarnação

19. Por que o Espírito que está no espaço encarna em um corpo?

r. Porque é a lei de sua natureza, a condição necessária de seus progressos e de seu destino. A vida material, com suas dificuldades, precisa do esforço e o esforço desenvolve nossos poderes latentes e nossas faculdades em germe.

20. O Espírito só encarna uma vez?

r. Não. Ele reencarna tantas vezes quantas sejam necessárias para atingir a plenitude de seu ser e de sua felicidade.

21. Mas, para atingir esse fim, a pluralidade das existências é então necessária?

r. Sim, porque a vida do Espírito é uma educação progressiva, que pressupõe uma longa série de trabalhos a realizar e de etapas a percorrer.

22. Uma só existência humana, quando é muito boa e muito longa, não poderia bastar ao destino de um Espírito?

r. Não. O Espírito só pode progredir, reparar, renovando várias vezes suas existências em condições diferentes, em épocas variadas, em meios diversos. Cada uma de suas reencarnações lhe permite apurar sua sensibilidade, aperfeiçoar suas faculdades intelectuais e morais.

23. Dissestes que o Espírito reencarna para reparar; então, ele praticou o mal em suas vidas precedentes?

r. Sim. O Espírito praticou o mal, já que não fez todo o bem que devia ter feito. Existe aí uma lacuna que é necessário preencher.

24. Que é o mal?

r. É a ausência do bem, como o falso é a negação do verdadeiro e a noite a ausência da luz. O mal não tem existência positiva; ele é negativo por natureza. A prática do bem engrandece o nosso Ser; a sua omissão o diminui.

25. Como as reencarnações nos permitem reparar as existências falhas?

r. Da mesma forma como o operário recomeça a tarefa que fez mal, assim o Espírito refaz a vida em que falhou.

26. Temos provas da reencarnação dos Espíritos?

r. Sim, primeiramente as que os próprios Espíritos nos trazem em suas revelações; em seguida, as aptidões inatas de cada indivíduo, que determinam sua vocação e lhe traçam neste mundo as grandes linhas de sua vida. Daí, as diferenças materiais, intelectuais e morais que distinguem entre si os homens na Terra e explicam as desigualdades sociais.

27. A doutrina da reencarnação é uma descoberta recente do espírito humano?

r. De forma alguma: a humanidade sempre acreditou nela; toda a Antigüidade a professou; os grandes iniciados a ensinaram ao mundo e Jesus mesmo a ela se referiu em seu Evangelho.

28. Já que vivemos várias vezes, como se explica que não guardamos nenhuma lembrança de nossas vidas passadas?

r. Deus não o permite, porque nossa liberdade ficaria diminuída pela influência da lembrança do nosso passado. “O que põe a mão na charrua, se quer fazer bem seu trabalho, não deve olhar para trás.”

29. Por qual fenômeno o esquecimento de nossas vidas anteriores se produz assim entre nós?

r. No momento em que o Espírito reencarna, isto é, toma um corpo, à medida que nele penetra, suas faculdades adorme-

cem, uma após outra; a memória se apaga e a consciência adormece. No momento da morte se produz o fenômeno contrário: à medida que o Espírito desencarna, as faculdades se desprendem, uma após outra, a memória se liberta, a consciência desperta. Todas as vidas anteriores vêm, pouco a pouco, ligar-se à vida que o Espírito acaba de deixar.

30. Não existe algum meio de provocar momentaneamente a lembrança das vidas passadas?

r. Sim. Pela hipnose ou sono artificial em diversos graus. Sábios contemporâneos fizeram e ainda fazem em nossos dias experiências concludentes, que comprovam a realidade das existências anteriores.

31. Como se fazem essas experiências?

r. Quando um experimentador consciencioso e competente encontra um indivíduo apto a suportar sua influência magnética, ele o adormece. Graças a esse sono, a vida presente é momentaneamente suspensa: então, a lembrança das vidas anteriores, adormecida nas profundezas da consciência, desperta e o indivíduo hipnotizado revê e narra todo o seu passado. Foram escritos livros inteiros sobre essas revelações preciosas, que nos fazem conhecer as leis do destino.

32. É necessário que a vida atual seja suspensa, adormecida, para que as vidas anteriores se revelem?

r. Sim, como é necessário que o sol se deite para que as estrelas, ocultas nas profundezas da noite, apareçam a nossos olhos.

III

O Lugar da Reencarnação

33. Onde o Espírito reencarna?

r. Por toda parte no universo. Todos os mundos são destinados a receber a vida sob suas formas variadas e em todos os graus.

34. Por que reencarnamos na Terra?

r. Porque a Terra, sendo um mundo regido pela lei do trabalho e do sofrimento, é um lugar propício ao adiantamento e ao progresso do Espírito em estado inferior.

35. Que é a Terra?

r. É um dos inúmeros mundos que povoam o espaço; um dos menores pelo volume, porque só tem 10.000 léguas de circunferência, porém grande quanto aos destinos que nela se cumprem.¹

36. A Terra está imóvel no espaço?

r. Acreditou-se nisso por muito tempo, mas o sábio e infelizmente Galileu provou que ela gira em torno do sol. O sol é 1.400.000 vezes maior que a Terra e é dela separado por 37 milhões de léguas.

37. Como a Terra completa sua revolução em torno do sol?

r. Em um período de 365 dias e 6 horas (o que constitui um ano), com uma velocidade de 7 léguas por segundo, ou cerca de 660.000 léguas por dia. Ao mesmo tempo em que se move em redor do sol, a Terra gira sobre si mesma em 24 horas (o que constitui um dia), com uma velocidade de 6 léguas por minuto.

38. Como a Terra e os outros globos se mantêm assim no espaço, isto é, no vácuo, sem saírem da órbita que percorrem?

r. Por uma força irresistível, que se chama força de atração. O Sol atrai a Terra e os outros planetas: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, etc., como o ímã atrai o ferro. Todos os globos se atraem uns aos outros e se mantêm no espaço, em razão de seu volume e da distância que os separa. Os maiores atraem os menores. Cada estrela é um sol; os sóis, por sua vez, são atraídos por outros mais poderosos e arrastados, assim como seus planetas e seus satélites, na imensidão sem limites. É o movimento perpétuo na eterna harmonia que constitui o equilíbrio universal.

39. Esses milhões de globos, que gravitam assim na imensidão, são habitados?

r. Uns o são, outros o foram no passado ou sê-lo-ão um dia: é o que se chama a vida universal.

40. Esses mundos são habitados por seres superiores, iguais ou inferiores aos homens?

r. A ciência atual não pode ainda responder a esta pergunta; mas, segundo as revelações dos Espíritos, sabemos que os planetas vizinhos da Terra são habitados: Marte, por exemplo, por seres um pouco superiores a nós; Vênus, ao contrário, por seres inferiores. O Sol é a morada de Espíritos sublimes, que atingiram os mais altos graus da evolução e, do alto desse astro, como de um trono de luz, fazem irradiar seu pensamento e sua ação sobre os outros mundos, por meio das transmissões fluídicas e magnéticas.

41. Entretanto, certos sábios pretendem que a Terra é o único globo que reúne as condições físicas necessárias à vida e, por consequência, o único habitado. Isto é correto?

r. Todos os globos que rolam no espaço têm sua estrutura particular, suas condições físicas diferentes, uns dos outros. A vida em cada um desses mundos se adapta a essas condições. Calculando as distâncias dos planetas entre si, sua massa e sua

força de atração, demonstrou-se que suas condições físicas variam segundo sua posição no sistema solar e segundo sua inclinação sobre seus respectivos eixos. Sendo assim, pode-se calcular que Saturno, por exemplo, tem a mesma densidade que a madeira de *erable*; que Júpiter tem quase a da água; que em Marte o peso dos corpos é menos da metade que sobre a Terra, etc. Conclusão: as leis físicas variam em cada um desses globos e as leis da vida neles estão em relação com as de sua natureza íntima.

42. Que se entende por mundos rudimentares ou primitivos?

r. As moradas das almas novas. A vida ali é simplesmente inicial. São esses mundos inferiores que as antigas religiões chamam *Inferi* (inferior, os infernos).

43. Poder-se-ia classificar esses diferentes planetas e distinguir os mundos segundo o grau de vida que neles se manifesta e segundo o valor dos seres que os habitam?

r. Sim. Os Espíritos nos têm revelado que há cinco classes entre os mundos habitados ou habitáveis, que giram no espaço, são: 1º) os mundos rudimentares ou primitivos; 2º) os mundos expiatórios; 3º) os mundos regeneradores; 4º) os mundos felizes; 5º) os mundos celestes ou divinos.

44. Que são os mundos expiatórios?

r. Aqueles onde o bem e o mal estão em luta perpétua, onde a verdade e o erro estão sem cessar em conflito, mas onde, na realidade, a soma do mal sobrepuja a do bem, esperando que este diga a última palavra na luta.

45. Que se entende por mundos regeneradores?

r. São mundos de regeneração pela verdade e pela justiça: assim será a Terra, quando os homens forem mais esclarecidos, mais justos e melhores.

46. Quem habita os mundos felizes?

r. Espíritos que já realizaram uma grande parte de sua evolução e que vivem entre si na harmonia da fraternidade e do amor.

47. Que são, enfim, os mundos celestes ou divinos?

r. A morada dos Espíritos mais elevados e mais puros. Dali partem os missionários espirituais, que Deus envia para levar suas mensagens e sua vontade por todo o universo. Esses mundos sublimes representam os paraísos ou Elíseos de que falam as religiões e que todos os poetas da humanidade cantam.

48. A que classe desses mundos pertence nossa Terra?

r. Aos mundos expiatórios.

49. Qual a prova?

r. As leis físicas que a regem e as condições de vida dos seres que a habitam.

50. Como assim?

r. A Terra está inclinada profundamente sobre seu eixo, por isso está sujeita a variações perpétuas, que trazem bruscas mudanças de temperatura. A diferença das estações e dos climas e as perturbações atmosféricas fazem da vida humana um combate permanente contra a natureza, a doença e a morte. Tudo isso indica que a Terra é por excelência o planeta da expiação, do trabalho e da dor.

51. Mas os outros globos não estão nas mesmas condições físicas e seu lugar não é o mesmo no mundo sideral?

r. De maneira alguma. Nenhum desses globos tem o mesmo peso, nem o mesmo volume e não está colocado à mesma distância do sol que o aquece e ilumina. Nenhum tem a mesma inclinação sobre seu eixo; Júpiter, por exemplo, é de uma fixidez e de um equilíbrio inalteráveis; reina em sua superfície uma temperatura sempre igual.

52. Pode-se dizer que na Terra, como em todo mundo expiatório, a soma do mal sobrepuja a do bem?

r. Não se pode duvidar disso. A mais simples experiência da vida basta para comprová-lo. A história nos mostra quantos séculos foram precisos para a humanidade atingir o grau de civilização relativa a que ela chegou. Apesar disso, não se pode negar que o erro ainda obscureça aí muitas inteligências, o vício ali oprima a virtude; a força oprima o direito; o egoísmo sufoque o amor. Participar dessa luta, viver nessa sociedade perturbada, sendo muitas vezes a vítima e o mártir; é nisso que consiste o mérito e o progresso para os Espíritos encarnados na Terra.

53. Que fazer, então, e como utilizar nossa vida neste mundo, para ser um dia mais feliz?

r. Fazer o bem e aproveitar nossa vida na Terra para progredir, fazendo progredir os outros, de tal maneira que não sejamos mais obrigados a retornar, a não ser como missionário, como guia da humanidade.

IV

Origem da Vida sobre a Terra

54. A Terra foi sempre morada dos Espíritos encarnados, isto é, dos homens?

r. Não. A Terra foi, a princípio, massa de fogo, flutuando no espaço. Depois de se ter resfriado, tornou-se habitável; a vida apareceu nela por etapas. Os três reinos da natureza – minerais, vegetais e animais – aí se manifestaram em muitos longos períodos de distância, em intervalos de muitas centenas de séculos; depois o Espírito desceu na carne e o homem apareceu, resumindo em seu ser todas as vidas gradativas da criação, reunindo em sua pessoa, por uma união admirável, a alma, centelha divina, com o corpo, que vem do animal.

55. Pode-se crer que o homem teve por antepassado o animal?

r. Nosso orgulho repugna crer nisso. A origem do homem permanece ainda misteriosa; talvez não seja bom que esse mistério se esclareça. Em todo caso, não é proibido pensar que nosso espírito, antes de chegar ao grau de evolução do período humano, tenha, de alguma forma, ensaiado a vida nas regiões inferiores da criação. Isso está de acordo com as leis de progresso da natureza. De outro lado, é certo que, vendo o estado rudimentar de certas raças selvagens, e mesmo tal retorno de bestialidade no homem civilizado, ter-se-ia o direito de crer que o animal foi o prefácio vivo do gênero humano.

56. O homem constitui um reino à parte, na criação?

r. Sem dúvida. Se, por seu corpo, o homem guarda uma espécie de parentesco com o animal, pela vinculação de um espírito consciente à sua carne o homem constitui um reino particular na Terra. Ele é o resumo vivo dos reinos que o precederam; único, na natureza, ele é capaz de conhecer Deus, de ter a noção do infinito e a intuição da imortalidade, prova de sua aptidão à sobrevivência.

57. A espécie humana começou na Terra por um só casal, como dizem as religiões e a mitologia?

r. Não. As raças humanas nasceram em diversos pontos do globo terrestre, simultaneamente ou sucessivamente, daí sua diversidade.

58. Adão não foi, então, o único antepassado do gênero humano?

r. Adão é o nome de um homem que sobreviveu aos cataclismos que revolucionaram a infância do mundo; ele tornou-se a origem de uma das raças que o povoam hoje. A bíblia conservou sua história e a ele seus descendentes; talvez mesmo um mito, isto é, uma alegoria que simboliza as primeiras idades da história.

59. É certo que existem muitas raças de homens? As diferenças que as separam não são simplesmente devidas a influências superficiais, tais como o clima, a hereditariedade, etc.?

r. Não se pode negar que existem entre as raças humanas diferenças constitucionais profundas: as do cérebro e do ângulo facial, por exemplo, que são como as medidas de sua evolução. De outra parte, existem tipos intermediários que supõem cruzamentos de raças: e esses cruzamentos de raças implicam necessariamente em sua diversidade.

60. Mas, então, se os homens não descendem todos de um primeiro casal, não são todos irmãos?

r. Todos os homens são irmãos perante Deus, o que é uma fraternidade infinitamente superior. Demais, todos são parentes, no sentido de que todos têm a unidade de natureza e os destinos comuns. Todos são um pelo Espírito que encarna em cada um deles e procede de Deus.

V

Os Espíritos; Deus

61. O que é o Espírito?

r. E uma substância imaterial, indivisível, imortal, princípio inteligente do universo.

62. Podemos nós ver e compreender o Espírito?

r. Não. Sua natureza íntima nos é desconhecida; não conhecemos ainda a essência dos seres nem das coisas; mas nós a chamamos espírito por oposição à matéria.

63. Que são os Espíritos?

r. São os seres inteligentes, vivendo de uma vida pessoal e consciente, destinados a progredir indefinidamente para a Verdade, o Belo, o Bem eternos.

64. Há muitas classes de Espíritos?

r. Sim. Há inicialmente, o Espírito puro, que é Deus; há os Espíritos que vivem livres no espaço; e, afinal, os Espíritos encarnados, isto é, as almas revestidas de um corpo material, habitando a Terra e os outros mundos.

65. Que é Deus?

r. É o Espírito puro, incriado, eterno, causa inicial e ordenadora do universo.

66. Pode-se definir Deus?

r. Deus é indefinível. Definir é limitar; ora, Deus é infinito; ele é o círculo eterno cujo centro está por toda parte e a circunferência em parte alguma.

67. Não se pode, pois, penetrar nunca a natureza íntima de Deus?

r. Nunca. Deus é como o sol; se o olharmos em seus raios, ele nos ilumina.

68. Pode-se provar a existência de Deus?

r. De uma forma direta e sensível, não; porque ele não está sob nossos sentidos.

69. O universo, entretanto, não prova a existência de Deus?

r. Sim. Mas não o mostra. Deus se oculta sob o véu transparente das coisas, como para nos forçar a procurá-lo e nos proporcionar o gozo de descobri-lo.

70. Onde está Deus?

r. Em toda parte, porque seu Ser infinito não pode estar circunscrito em nenhum lugar

71. O homem não traz consigo a idéia de Deus?

r. Sim. A idéia de Deus está no fundo da consciência humana, como as estrelas no fundo da noite. De todas as provas de sua existência esta é a mais segura e a melhor, porque é inata na alma, como um reflexo da verdade eterna.

72. Deus é único no infinito?

r. Sim. Deus é único, porque não há senão um único Deus; porém ele não está solitário, porque a vida universal evolui nele, por ele e em torno dele.

73. Os Espíritos estão, portanto, em torno de Deus?

r. Sim. Deus é o lugar dos Espíritos, isto é, o foco eterno de luz e de amor, no qual vêm se iluminar todas as inteligências.

74. Como vivem os Espíritos no espaço?

r. Os Espíritos superiores vivem de uma vida puramente fluídica, isto é, desprendida da matéria, na proporção de seu grau

de adiantamento espiritual; os Espíritos inferiores, ainda entorpecidos pelo peso da materialidade, erram nas esferas mais baixas, esperando que seu desprendimento completo se realize.

75. Um espírito desencarnado pode, então, estar ainda ligado à matéria?

r. Sim. Porque o perispírito permanece impregnado dos fluidos pesados, que o impedem de deslocar-se no espaço, como a asa de um pássaro, que se arrastou na lama, o impede de se elevar para o céu.

76. Como vivem os Espíritos inferiores?

r. Numa vida inquieta e atormentada; eles percorrem, sem destino certo, as regiões crepusculares da erraticidade, sem poderem compreender seu estado, nem achar seu caminho: é o que se chama de almas penadas.

77. Os Espíritos inferiores são nocivos?

r. Alguns o são; e sua má influência sobre os homens deu lugar à crença nos demônios.

78. Os demônios, então, não existem?

r. Não; há maus Espíritos, porém os que são chamados de demônios, ou espíritos eternamente maus, não existem; nem o mal, nem os maus podem ser eternos.

79. Os maus Espíritos podem, então, exercer influência sobre os homens?

r. Sim. Sobre os homens maus, que os invocam, ou sobre os homens fracos, que se entregam a eles; daí os freqüentes fenômenos da possessão e da obsessão.

80. Como os homens podem entrar em relação com os maus Espíritos?

r. Por meio dos fluidos e em virtude da lei de afinidade espiritual: “Quem se assemelha, se ajunta.”

81. Há muitas classes de Espíritos maus?

r. Há os Espíritos simplesmente inferiores, tais como os Espíritos levianos, imperfeitos, zombeteiros, que nossos pais chamavam de duendes, os brincalhões, e que gostam de travessuras de toda espécie; depois há os Espíritos perversos, que induzem os homens ao mal, pelo prazer de fazer o mal, e os que, como os Espíritos batedores, habitam as casas mal-assombradas.

82. Mas há também bons Espíritos?

r. Sim, e é o maior número. A Antigüidade os denominava bons gênios; a religião os chama anjos da guarda; os espíritas os conhecem pelo nome de Espíritos familiares ou Espíritos protetores.

83. Cada homem tem um Espírito protetor ligado à sua pessoa?

r. Ordinariamente, temos muitos. São parentes, amigos que nos conheceram ou amaram; ou ainda Espíritos cuja missão consiste em proteger os homens, guiá-los na senda do bem, e que progridem, eles próprios, trabalhando pelo adiantamento dos outros.

84. Os homens, neste mundo, e os Espíritos, no outro, trabalham de comum acordo?

r. Certamente. Tudo se liga e se encadeia no universo: os corpos, por suas irradiações, atuam uns sobre os outros; o mesmo acontece no domínio dos Espíritos. Tudo que os homens fazem de bem, de belo, de grande na Terra lhes é inspirado, muitas vezes, por influências invisíveis: é por essa lei de solidariedade moral que Deus governa o universo.

85. Assim, a história humana é ditada pelo mundo invisível?

r. Sim. Deus a dita, os Espíritos a traduzem e os homens a cumprem. Toda a filosofia dos séculos está encerrada nesses três termos. Mas é preciso levar em conta a liberdade humana que, muitas vezes, entrava as vistas de mais alto. Daí vêm as contradições aparentes da história.

VI

A Doutrina do Espiritismo

86. Como se chama o conjunto dos ensinamentos que acabamos de expor?

r. O conjunto desses ensinamentos chama-se Espiritismo ou Espiritualismo experimental.

87. Que significa esta palavra: Espiritismo?

r. Significa: Ciência do Espírito ou ensino dos Espíritos, porque são os próprios Espíritos que no-lo revelaram.

88. Por que espiritualismo experimental?

r. Porque essa doutrina repousa sobre fatos positivos, controlados pela experimentação científica.

89. O Espiritismo é uma ciência ou uma crença?

r. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência positiva, uma filosofia, uma doutrina social; é também uma crença, porém, baseada na ciência experimental.

90. É uma ciência, uma filosofia, uma doutrina, uma crença nova?

r. De modo algum; é a ciência integral, a filosofia humana, a doutrina universal. Ele é o antigo e novo, como a Verdade, que é eterna.

91. Prove que o Espiritismo é uma ciência.

r. O Espiritismo é uma ciência porque repousa em princípios positivos de onde se podem tirar deduções científicas incontestáveis. Além disso, ele é a própria razão da ciência, porque a ciência que não esclarece o homem sobre sua natureza íntima e sobre seu destino é uma ciência incompleta e estéril, como o positivismo. Ora, o Espiritismo é a ciência completa do homem; ela lhe indica sua verdadeira natureza, seu princípio fundamen-

tal, seu destino final e, por conseqüência, se esforça, dando-lhe toda a luz sobre sua vida para torná-la mais feliz e melhor.

92. Quais são as provas científicas atuais do Espiritismo?

r. As provas atuais do Espiritismo são as descobertas recentes da radioatividade de todos os corpos e de todos os seres, a hipnose, o magnetismo, os fenômenos múltiplos da telepatia, do desdobramento, os fantasmas dos vivos e dos mortos, em uma palavra, todo o conjunto dos fenômenos de ordem psíquica. As descobertas futuras, das quais estas são apenas o prefácio, darão ao Espiritismo experimental uma consagração definitiva.

93. Se o Espiritismo é uma ciência positiva, por que encontra tanta oposição, hostilidade mesmo, entre os sábios?

r. O Espiritismo só é combatido, geralmente, pelos sábios oficiais, precisamente porque ele é uma revolução na ciência oficial. A maioria dos sábios livres e independentes é, ao contrário, favorável ao Espiritismo e vem engrossar nossas fileiras.

94. Como o Espiritismo, que é uma ciência, é, ao mesmo tempo, uma filosofia e uma moral?

r. Porque o Espiritismo é uma ciência eminentemente prática, que ensina aos homens as duas grandes virtudes sobre as quais repousa toda a moral humana: a justiça e a solidariedade, isto é, o progresso na ordem e o amor.

95. O Cristianismo não explica essa moral?

r. Sim, é a moral universal escrita, em todos os tempos, na consciência humana. Jesus a ensinou ao mundo, há vinte séculos, mas os sacerdócios e as teologias a desnaturaram e alteraram por meio de acréscimos interesseiros ou de interpretações sutis. O Espiritismo lhe restitui sua pureza primitiva, a apóia em provas sensíveis e a apresenta ao gênero humano com toda a amplitude que convém à sua evolução atual e a seus progressos futuros.

96. Entretanto, toda moral pede uma sanção, isto é, uma recompensa para o bem, um castigo para o mal?

r. A recompensa do bem cumprido é o próprio bem, como o castigo do mal cometido é a consciência de o ter praticado com premeditação; daí o remorso. O espírito humano é para consigo mesmo seu próprio recompensador ou seu algoz. Deus não pune nem recompensa ninguém. Uma lei imutável, uma justiça imamente presidem a ordem do universo e as ações dos homens. Todo ato cumprido encerra suas conseqüências. Deus deixa ao tempo o cuidado de realizá-las.

97. Não há, portanto, céu nem inferno?

r. O céu ou o inferno estão na consciência de cada um de nós; toda alma traz em si e consigo sua alegria ou seu sofrimento, sua glória ou sua miséria, conforme seus méritos ou seus deméritos.

98. Então, por que fazer o bem e evitar o mal, se não se é recompensado pelo céu, nem punido pelo inferno?

r. É necessário fazer o bem e evitar o mal, não com o fim egoístico de uma recompensa, nem pelo temor servil de um castigo, mas unicamente porque é a lei de nosso adiantamento. O progresso dos seres é o resultado de seu esforço individual; assim se anulam o dogma injurioso da graça e a teoria fatalista da predestinação.

99. Como é formulada a lei do destino?

r. Cada um de nossos atos, bom ou mau, temos dito, recai sobre nós. A vida presente, feliz ou infeliz, é o resultado de nossos atos passados e a preparação de nossas vidas futuras. Colhemos, matematicamente, através dos séculos o que semeamos. A lembrança de nossas vidas anteriores se apaga por ocasião da volta da alma à carne; mas o passado subsiste nas profundezas do ser. Essa lembrança se recobra na morte e até durante a vida, quando a alma se desprende do corpo material, nos diferentes estados do sono. Então, o encadeamento de nossas vidas e, por conseguinte, o das causas e dos efeitos que as rege se recons-

tituem. A realização nelas de uma lei soberana de justiça torna-se evidente para nós.

100. Acabamos de ver que o Espiritismo é uma ciência positiva e uma filosofia moral: como, além disso, é uma doutrina social?

r. Porque o Espiritismo bem compreendido e bem praticado torna o indivíduo melhor e que é somente pela melhoria do indivíduo que se pode obter a da sociedade.

101. Como o Espiritismo torna o indivíduo melhor?

r. Dando-lhe a verdadeira noção da vida e, portanto, a do seu destino, isto é, realizando a educação moral do homem individual e do homem social.

102. Mas a sociologia e o socialismo modernos não fazem a mesma coisa?

r. Eles fazem, infelizmente, o contrário. O socialismo atual só vê na existência presente o que ele denomina “concorrência vital”, isto é, a luta pela vida. Essa teoria é perigosa porque consagra o materialismo, excita os apetites, desencadeia as ambições, aprova todos os atentados e conduz à anarquia. Ela visa somente o bem estar material, isto é, a vida do corpo, e não leva absolutamente em conta o destino imortal do Espírito.

103. Como a doutrina espírita corrige esse erro do socialismo?

r. O Espiritismo demonstra ao homem que sua vida presente não é senão um elo da longa cadeia de suas existências. Por conseqüência, ele deve considerá-la, principalmente, sob seu ponto de vista real, o da educação da alma, e não pelas vantagens materiais que nos oferece, não podendo estas, se delas abusarmos, senão retardar nosso adiantamento e nossa verdadeira felicidade.

104. Como o Espiritismo compreende a solidariedade humana?

r. Em seu mais alto e mais amplo sentido. Cada homem, devendo renascer um dia para reparar suas faltas ou aperfeiçoar sua vida nesta mesma Terra, que é o campo de batalha de suas

lutas e o terreno de seus labores, não tem ele todo o interesse de aí fazer o bem em torno de si, de amar seus semelhantes, lhes prestar serviço, a fim de preparar para si próprio um retorno feliz neste mundo de provas?

105. Não é isso um sonho, uma dessas utopias acariciadas pelos espíritos quiméricos, porém, impossíveis de realizar?

r. Os fatos aí estão para provar a possibilidade de realizar essa doutrina social. Existem na Bélgica e na França grupos espíritas de operários, e sobretudo de mineiros, que funcionam há quinze ou vinte anos. Todos os domingos eles se reúnem para ouvir os ensinamentos dos Espíritos protetores e as comunicações do além. Cada um desses humildes trabalhadores toma para si as lições do Evangelho dos invisíveis. Alguns se têm corrigido de suas paixões e se curado de seus vícios; todos são consolados, instruídos, reconfortados e se tornam melhores. Esses homens, antes incultos e grosseiros, são agora esclarecidos sobre os problemas do destino e da vida eterna. As vozes do além, as de seus amigos, de seus parentes, lhes têm ensinado mais do que os sermões do padre ou as declamações do sofista ou do reitor. Um dia, e esse dia não tardará em vir, essas comunicações do mundo invisível se tornarão a religião dos povos e a da humanidade; um novo princípio de educação social será revelado ao mundo e a paz, a justiça, a fraternidade reinarão entre os homens.

VII

Prática Experimental

106. Que é praticar o Espiritismo?

r. Praticar o Espiritismo é:

- 1) invocar os Espíritos e se pôr em comunicação com o mundo invisível;
- 2) freqüentar assiduamente as reuniões espíritas;
- 3) desenvolver os dons de mediunidade que estão em germe em cada um de nós.

107. Que é invocar os Espíritos?

r. E dirigir-lhes preces e lhes pedir luz, inspiração, ajuda e proteção.

108. A prece é então ouvida no mundo invisível?

r. A prece é um transporte da alma, que abre um caminho fluídico no espaço; ela pode atingir os mais elevados Espíritos e chegar até Deus.

109. Qual é a melhor das orações?

r. Toda oração é boa quando é uma elevação da alma e um apelo sincero do coração.

110. Que é uma reunião espírita?

r. É um grupo composto de diversas pessoas unidas pela comunhão dos pensamentos, a afinidade dos fluidos e a concórdia das vontades.

111. Como deve ser organizada uma reunião espírita?

r. De um grupo de pesquisadores esclarecidos, de um presidente, de um ou vários médiuns, sob a proteção dos bons Espíritos.

112. Onde devem realizar-se essas reuniões?

r. Não importa onde, porque o Espírito se manifesta onde quer, mas de preferência em lugar reservado, pois os bons Espíritos não gostam de se manifestar na confusão.

113. Deve-se reunir de dia ou de noite?

r. Tanto de dia, como de noite, conforme os Espíritos decidirem; entretanto a noite é mais propícia às comunicações com o mundo invisível.

114. Por que?

r. Porque a atmosfera noturna é mais calma; a atividade do dia não interfere mais nas correntes das ondas magnéticas; nessas condições, é mais fácil estabelecer o caminho fluídico entre este mundo e o além. É, aliás, o que significa o provérbio antigo: “O dia é dos homens, a noite é dos deuses”, isto é, dos Espíritos.

115. Todas as reuniões espíritas produzem as mesmas revelações e os mesmos fenômenos?

r. Não. Cada reunião tem sua característica, cada grupo sua fisionomia. Tudo depende da elevação dos Espíritos que se comunicam, das disposições íntimas dos assistentes e, sobretudo, do valor dos médiuns.

116. Que quer dizer a palavra médium?

r. Significa intermediário, isto é, que ocupa a posição de mediador entre os membros do grupo e os Espíritos que se comunicam.

117. Que é preciso para ser um bom médium?

r. É preciso reunir certas condições ou qualidades psíquicas, intelectuais e morais.

118. Quais são as qualidades psíquicas de um bom médium?

r. Primeiramente e antes de tudo, o equilíbrio psíquico e moral; em seguida, uma quantidade de fluido magnético suficiente para permitir aos Espíritos se manifestarem.

119. Quais são as qualidades intelectuais de um bom médium?

r. É desejável que o médium seja inteligente e instruído. O valor das comunicações está relacionado com o valor intelectual do médium. Da mesma forma que um artista gosta de se servir de um bom instrumento, assim um Espírito superior escolhe de preferência um médium digno e apto a servi-lo.

120. Um Espírito superior não pode suprir a incapacidade de um médium?

r. Isso acontece algumas vezes; mas não é a regra geral. O médium que empresta suas faculdades ao Espírito, para lhe permitir a comunicação de seu pensamento e de seus ensinamentos, facilmente compreende que quanto mais suas faculdades forem aperfeiçoadas, melhor o Espírito poderá servir-se delas.

121. Por que o médium deve ter qualidades morais?

r. Porque um médium-imoral ou viciado só pode atrair maus Espíritos, o que é sempre perigoso.

122. Mas, então, como se poderá distinguir a parte do médium e a parte do Espírito nas comunicações?

r. Isso exige, com efeito, uma grande experiência dos fenômenos psíquicos; entretanto, chega sempre um momento em que a comunicação atinge uma amplitude e reveste um caráter que excedem os meios pessoais e as possibilidades do médium; é por esse indício que se reconhece a ação direta do Espírito.

123. É no estado de vigília que o médium pode servir de intermediário com o mundo invisível?

r. Os fenômenos de primeira ordem, as comunicações superiores exigem ordinariamente o estado de sonambulismo ou de

hipnose em todos os seus graus, isto é, desde a exteriorização parcial ao desprendimento completo. Esse estado facilita o transe e torna possível o fenômeno tão notável da incorporação, pela qual o Espírito entra momentaneamente na personalidade do médium, psiquicamente ausente, como um estranho numa casa desabitada.

124. A que ordem pertencem esses fenômenos de mediunidade?

r. A ordem chamada psíquica, isto é, espiritual. Convém não esquecer que as leis do universo estão em total harmonia e que, conseqüentemente, nós, que somos espíritos, só nos podemos comunicar com o mundo dos espíritos pelos sentidos do espírito. Esse sexto sentido, que completa a natureza humana, é a percepção espiritual, isto é, a mediunidade.

125. A mediunidade não é, então, uma descoberta recente?

r. Não mais do que a alma, da qual ela é uma manifestação; ela faz parte integrante da natureza humana, prova nossa afinidade com o mundo invisível e divino.

126. A mediunidade foi praticada no passado?

r. Sim. Graças a ela a Antigüidade, muito mais que os tempos modernos, esteve em comunhão com o mundo invisível; o Egito, a Gália, a Grécia, Roma e o povo judeu conheceram a mediunidade. As pitonisas, as sibilas, as druidesas da ilha de Sein, os profetas hebreus, os grandes teurgos de Alexandria, como Apolônio de Tiana, foram médiuns célebres. O próprio Cristo foi o médium de Deus, intermediário entre o Céu e a Terra; ainda o chamam hoje “o mediador”.

127. Entretanto, a Igreja Católica não repudia violentamente essa explicação da missão de Jesus?

r. Sim, porque ela perdeu o sentido de sua primitiva iniciação. Todavia, é do fato espírita do Pentecostes que surgiu a primitiva Igreja, pela efusão do Espírito de Jesus sobre os apóstolos. Os primeiros cristãos formavam grupos espíritas, dos quais São Paulo foi o legislador. Basta ler algumas passagens de suas

epístolas, principalmente a dirigida aos Coríntios, para ver como funcionavam esses grupos e quais eram as diferentes espécies de mediunidade dos cristãos desse tempo. Nem o Evangelho de Jesus, nem o começo da Igreja podem ser compreendidos sem os dados do Espiritismo.

128. Dissestes que era preciso cultivar a mediunidade: como se pode fazer isso?

r. Como todas as faculdades da alma, a mediunidade é perfectível. Ela é desenvolvida pelo exercício, pelo treinamento, pela experimentação. Mas é preciso para isso deixar-se dirigir pelos próprios Espíritos; porque são eles que preparam e formam seus médiuns, como um mestre sábio forma o operário que o deve ajudar e servir.

129. O exercício da mediunidade é perigoso?

r. Como todas as coisas, quando se abusa ou não se sabe servir bem delas.

130. Como se pode abusar da mediunidade?

r. Isso pode acontecer nas seguintes situações:

- 1) Quando se utiliza dela muito freqüentemente, o que pode ser nocivo à saúde. Um médium é um vivo e precioso reservatório de forças psíquicas; porém, essas forças não são inesgotáveis. É preciso, portanto, cessar as experiências desde os primeiros sintomas de fadiga e espaçar as reuniões, de forma a deixar ao médium tempo para reconstituir sua provisão fluídica. Os próprios espíritos são os primeiros a poupar seu médium e a adverti-lo, desde que a força psíquica comece a se esgotar.
- 2) Abusa-se igualmente da mediunidade quando ela é exercida para diversões frívolas ou pura curiosidade do espírito humano.

O médium paga, muitas vezes, bem caro essa fantasia temerária; ele se expõe à obsessão e à possessão dos maus Espíritos. Não convém abusar dos dons de Deus, sem que

seja severamente punido. O médium, via de regra, nunca deve experimentar sozinho.

131. Como os médiuns podem prevenir esses perigos?

r. Preparando-se para suas funções, como para um ministério sagrado, pela invocação, pelo recolhimento e pela prece. O iniciado nos mistérios antigos tinha um ritual; só se entregava à evocação após se ter preparado pela abstinência e meditação, no isolamento. A lei não mudou. Quem quer que passar além, se expõe a reais inconvenientes.

132. Num grupo espírita, os membros assistentes têm igualmente certos deveres a cumprir?

r. Sim, e o primeiro de todos é de se unirem pela afinidade simpática dos fluidos e a concordância unânime das vontades. Uma única vontade discordante ou hostil neutraliza o fluido coletivo e pode impedir a comunicação. Não se deve jamais introduzir numa reunião um elemento novo, sem ter pedido antes a opinião do Espírito protetor do grupo, porque só ele julgará das afinidades fluídicas do recém-vindo.

133. Se os assistentes são movidos por simples sentimento de curiosidade ou de ceticismo, o que sucederá?

r. Os assistentes têm a companhia dos Espíritos que merecem. Se eles são levianos, terão Espíritos levianos e mistificadores; se são corrompidos terão espíritos impuros e perversos, cujo contato, embora momentâneo, nunca é inofensivo.

134. Os grupos espíritas devem ser limitados quanto ao número de pessoas que os compõem?

r. Não de uma forma absolutamente matemática; mas, como regra geral, os grupos menos numerosos são os mais unidos e, por conseqüência, os melhores.

135. Por que?

r. Se já é difícil harmonizar os fluidos de cinco ou seis pessoas com os do Espírito, torna-se mais difícil ainda, quando os

membros são mais numerosos. É bom não ser menos de três, nem mais de doze. Acrescentemos que é preferível reunir-se, tanto quanto possível, no mesmo local, nos mesmos dias e à mesma hora. Esses hábitos regulares favorecem sensivelmente a influência e a ação dos Espíritos.

136. Quantas espécies de mediunidade há?

r. É difícil classificá-las, porque é impossível limitar os dons do Alto. “O Espírito sopra onde quer, quando e como quer.” Entretanto, distinguem-se assim as formas ou manifestações da mediunidade: a tiptologia, isto é, as pancadas, as mesas falantes; os fenômenos de levitação, que são como o “abc” do Espiritismo experimental. A maioria das mediunidades começa por aí.

A escrita automática ou direta, isto é, os caracteres traçados por mãos invisíveis ou pelos médiuns, sob o impulso dos Espíritos; o fenômeno de incorporação, que se dá quando um Espírito vem momentaneamente se apoderar do organismo do médium adormecido e, de alguma forma, se substituir à sua personalidade; isso pressupõe o sono magnético profundo. Há, enfim, as aparições ou materializações de Espíritos de todos os graus: algumas podem ser fotografadas no momento.

Há outras formas de mediunidade: por exemplo, a mediunidade vidente ou auditiva, que percebe os seres, os ruídos e as harmonias do mundo invisível; a mediunidade curadora, que cura por simples toque as doenças, ou as diagnostica no interior do corpo pela dupla vista. Há ainda a glossolalia,² ou dom das línguas; ela permite ao médium, em estado de sonambulismo, falar, escrever, compreender línguas mortas ou vivas, que ele ignora no estado de vigília, etc.

137. Mas o charlatanismo, a simulação, o embuste não representam papel considerável na prática do Espiritismo?

r. Sim, sem dúvida, isso acontece por vezes. Qual a ciência que não tem seus charlatães e seus exploradores? Qual a religião que não é corrompida e desonrada por seus falsos milagres, seus falsos profetas, seus maus padres ou suas superstições? Isso

prova que é próprio da natureza humana e um dos sinais de sua fraqueza abusar de tudo, até das coisas mais sagradas, e profanar tudo, até os mais nobres dons que recebeu de Deus.

138. A prática do Espiritismo não leva também algumas vezes ao suicídio ou à loucura?

r. De maneira alguma. Se alguns casos de exaltação foram produzidos, é preciso observar que a ciência e a religião, que são duas coisas necessárias e muito elevadas, têm também, no curso dos séculos, uma, arruinado muitos cérebros; outra, produzido casos de loucura religiosa e cometido crimes odiosos. Não é, no entanto, uma razão para renunciar à religião que tem feito grandes almas, nem a ciência, que tem produzido grandes espíritos. Seria ilógico e injusto ver as coisas elevadas somente por seus pequenos e maus aspectos. Pelo fato de o cérebro humano não poder suportar o peso de certas revelações, só se pode concluir uma coisa: é que o invisível não tem limites e o homem é bem limitado diante do infinito.

139. Que pensar do papel do demônio nas manifestações espíritas?

r. O demônio não existe e não pode existir, porque, se ele existisse, Deus não existiria; um exclui necessariamente o outro.

140. Como assim?

r. Se o demônio é eterno como Deus, há dois seres eternos. Ora a coexistência de duas eternidades é impossível; ela seria uma contradição na ordem metafísica. Esses dois deuses, um do bem, outro do mal, lembram a teoria oriental dos dois princípios: é uma reminiscência do dualismo dos maniqueus. Se, ao contrário, o demônio é uma criatura de Deus, Deus se torna responsável diante da humanidade de todo o mal que o demônio tem feito e fará ainda, eternamente. É a mais clamorosa injúria que se possa fazer a Deus, pois que é negar sua justiça e sua bondade. Há maus Espíritos, já o dissemos acima, que impelem ao mal o homem que a ele é propenso; mas o demônio, considerado como a personificação individual do mal, não existe.

141. Entretanto, a Igreja não ensina e afirma o caráter satânico de certas manifestações espíritas?

r. A Igreja tem uma única palavra para explicar o que não compreende: Satã. No decorrer dos séculos, a Igreja sempre atribui a Satã todas as invenções do gênio, desde a do vapor às da estrada de ferro e da eletricidade. Está em sua lógica habitual e em sua característica dizer que os fenômenos do magnetismo e as revelações espíritas são obra de Satã. Todavia, apesar dos anátemas da Igreja, a ciência progride, o gênio do homem evolui e o Espiritismo se tornará à fé universal do futuro.

142. Então, o Espiritismo é a religião do futuro?

r. Ele é, antes de tudo, o futuro da religião. O Espiritismo, como seu nome indica, é a mais alta e a mais científica forma do espiritualismo. Ele é, ao mesmo tempo, já o dissemos, uma ciência positiva, uma filosofia moral, uma solução social. Sob todos esses títulos, ele responde admiravelmente às exigências do pensamento moderno, às necessidades do coração humano, às aspirações elevadas da alma. Os progressos do futuro confirmarão cada dia mais seus ensinamentos e sua doutrina. Podemos, pois, afirmar que o Espiritismo é o Credo futuro da humanidade.

VIII

Consolações; Estética: o Belo, o Verdadeiro, o Bem

143. Como ciência, o Espiritismo se dirige à razão; mas como se dirige ao coração humano?

r. 1) Consolando-o na provação; 2) fazendo-o amar a vida, a natureza, o universo, como uma obra solidária e harmoniosa, toda impregnada de amor, de poesia, de beleza.

144. Como o Espiritismo consola o homem em suas provas?

r. Fazendo-o compreender que o sofrimento é uma educação necessária ao seu destino; que ele engrandece a alma, forma o juízo, tempera o caráter, apura as sensações e inspira o nobre sentimento da piedade, pelo qual nos assemelhamos mais a Deus.

145. Isso são consolações que se dirigem mais à razão; mas as verdadeiras penas do coração, tais como a perda daqueles que amamos, de uma mãe, de um filho, de um amigo, etc. não são apenas inconsoláveis?

r. Não há penas inconsoláveis. São precisamente essas que o Espiritismo consola melhor, porque graças a seu ensino e a suas práticas, sentimos em torno de nós a presença de nossos mortos bem amados. Seu fluido nos envolve; eles nos falam, por vezes se deixam ver e até fotografar. A fé religiosa dá somente a esperança; o Espiritismo dá a certeza e faz tocar a realidade.

146. O Espiritismo nega então a morte?

r. Não, mas a livra dos terrores e dos temores cujos prejuízos a cercam. O Espiritismo nos faz amar a vida e nos ensina a não temer a morte.

147. Como o Espiritismo nos faz amar a vida?

r. Apresentando-a como uma das etapas necessárias de nosso destino. Além disso, ele nos faz compreender como a

existência humana, apesar de sua duração e suas aparências efêmeras, se liga ao plano geral da evolução, do amor e da beleza, que constitui o universo.

148. Como a vida humana se vincula ao plano geral do universo?

r. Como a parte se liga ao todo; como o pormenor se liga ao conjunto. O universo é o oceano eterno da vida: a existência humana dele procede, como de seu princípio e a ele retorna como a seu fim.

149. Não é isso que se chama panteísmo?

r. De forma alguma, porque o ser humano, isto é, o Espírito encarnado ou desencarnado, guarda sua personalidade e sua identidade na vida universal, como certas correntes que circulam no oceano, sem se misturar com suas águas.

150. Se a vida humana não existisse, faltaria então alguma coisa no universo?

r. Certamente, porque o homem resume em si todas as vidas dos diversos reinos da natureza – do mineral, do vegetal e do animal – e as completa pela consciência e pela liberdade. A vida humana é o fenômeno consciente da natureza.

151. A natureza é, então, eterna?

r. A natureza é o efeito; somente a causa é eterna: é Deus.

152. Deus é, pois, o autor da natureza?

r. Sim; por toda parte encontramos seu poder, sua inteligência, seu amor e o reflexo de sua beleza.

153. A natureza é, então, o reflexo de Deus?

r. Sim, é um transparente sob o qual se descobre Deus; cada um dos fenômenos da natureza é o símbolo de um pensamento divino.

154. Como acontece que tão poucos homens vejam a natureza dessa maneira?

r. Porque o maior número dos homens olha essas coisas com a visão fatigada pelo hábito ou falseada pela paixão. O homem que guardou a mocidade do coração e a pureza do olhar vê a natureza e a vida na verdadeira luz. Foi nesse sentido que Jesus disse: “Felizes os corações puros, porque verão a Deus.” e ainda: “Se vosso olhar é simples, todo o vosso corpo será iluminado.”

155. Mas essa maneira de compreender a natureza não é exclusivamente mística, pois que a ciência moderna só vê nela um fenômeno puramente material?

r. É precisamente o erro da ciência contemporânea não ver na natureza senão o fenômeno material; e é também sua punição não poder, por causa disso, apreciar nem a lei da natureza, nem a vida profunda dos seres que ela encerra. O espírita, como seu nome o indica, interroga em tudo e por toda parte o “espírito” das coisas; e é o Espírito que lhe responde e instrui.

156. Assim, o espírita está em comunhão mais íntima com a natureza?

r. Certamente; está aí a verdadeira comunhão universal. No meio da natureza o espírita nunca está sozinho. O mundo dos Espíritos o cerca, uma proteção divina o envolve; por toda parte descobre um mistério e escuta vozes. Sente que um imenso amor reside no fundo de toda vida; que cada ser repete um canto do grande poema e traz sua nota particular ao concerto universal.

157. Dissestes que o Espiritismo tinha também uma estética especial, isto é, uma concepção de beleza?

r. É a estética única, especialmente adequada à razão universal: a estética espiritualista.

158. Que é a estética?

r. É a ciência das leis da beleza.

159. Que é a beleza?

r. É o que agrada ao espírito e encanta os olhos.

160. Por que o que é belo é o que agrada ao espírito e aos olhos?

r. Porque o belo é conforme a natureza, como a natureza, a seu turno, é conforme a idéia divina, que é seu modelo eterno.

161. A natureza é, então, a expressão da beleza?

r. Sim, a natureza é o primeiro fato estético que se impõe ao nosso pensamento e aos nossos olhares. É a regra impecável, o modelo onde as artes encontrarão sempre a medida de sua inspiração.

162. Como o homem exprime a beleza da natureza?

r. Pelas artes.

163. Que são as artes?

r. As artes são a expressão material dos três elementos que constituem a beleza: isto é, a idéia, a forma e a vida.

164. Onde busca o artista a idéia ou, antes, o ideal de suas obras?

r. Na contemplação interior de uma beleza incriada, entrevista como uma miragem da beleza eterna, que é Deus visto em suas obras. É essa visão interna que se chama: concepção do gênio e inspiração.

165. O artista não deve, então, imitar simplesmente a natureza?

r. Sim, mas não deve ser copista servil, como o pretende a escola dita realista. Deve somente emprestar-lhe as formas sensíveis, os sinais materiais necessários para dar corpo ao ideal que está nele. Quanto mais um artista se aproxima do ideal, mais exprime a realidade; da mesma forma que, quanto mais se aproxima de uma alma, melhor se possui e se conhece o homem por completo.

166. Que diferença há entre as Artes, as Ciências e a Indústria?

r. São três formas da atividade humana, que tem, cada uma, seu objeto particular, mas que se solidarizam pela unidade do termo que devem atingir. A indústria tem por objeto o útil sob todas as suas formas: ofícios, invenções, descobertas, etc; a ciência tem por objeto as leis que regem a essência das coisas e dos seres, isto é, o verdadeiro; as artes têm por objeto o belo, que é o esplendor do verdadeiro, isto é, a irradiação do Ser no universo;

167. O verdadeiro e o belo não devem unir-se para constituir o bem?

r. Evidentemente, o verdadeiro, o belo, o bem são uma só e mesma coisa: são as três facetas de um só e mesmo diamante: o verdadeiro, que é a ciência, o belo, que é a arte, devem resumir-se no bem, que é o amor.

“Toda ciência, disse um pensador, que não nos leva a amar é uma ciência estéril, traindo-se a si mesma.”

168. Tudo deve, então, se resumir no amor?

r. Sim, o amor é o princípio e o fim das coisas; tudo procede dele; tudo deve a ele retornar. É a lei do progresso para os povos; é a condição do adiantamento para o indivíduo. Toda a lei do destino está contida nesta palavra.

169. Como o amor é a lei do progresso para os povos?

r. Da mesma forma como Deus fez os grãos de areia para viverem unidos na mesma praia, os grãos de trigo para se abraçarem na mesma espiga e os bagos de uva no mesmo cacho, assim ele fez os homens para viverem unidos na família, depois na cidade, na pátria e, finalmente, na humanidade. É a condição essencial da civilização.

170. Entra, então, no plano do amor, isto é, no plano de Deus, que todos os homens sejam irmãos e todos os povos se unam um dia pela fraternidade universal?

r. Sim, é a lei do amor a levar à unidade, isto é, à imagem e à semelhança de Deus, que é um.

171. Essa noção de amor humanitário não destrói a noção de patriotismo?

r. De forma alguma, mas a explica e a modifica segundo a própria lei da natureza e dos progressos da história.

172. Como se dá isso?

r. A lei da natureza e a da história exigem que o círculo do amor se amplie progressivamente no curso dos séculos. A humanidade, em cada uma de suas etapas, e o homem, em cada uma de suas existências, aperfeiçoam-se e se dilatam incessantemente. É para amar cada vez mais que os homens e os povos são submetidos à lei inelutável das reencarnações, neste e nos outros mundos do espaço. A vida individual e a vida coletiva evoluem por ciclos; o primeiro é a família; o segundo, a cidade; o terceiro, a pátria; o quarto, a humanidade; o último, o universo.

173. A qual ciclo da história humana chegamos atualmente?

r. Ao ciclo de transição entre o amor da pátria e do gênero humano.

174. Assim, o patriotismo está fadado a desaparecer?

r. Em sua noção exclusiva e de rivalidade, sim; em sua noção histórica e íntima, não.

175. Que entendeis por isso?

r. Há um patriotismo estreito e feroz que é o egoísmo dos povos. Esse deve perecer. Porque um homem vive aquém da fronteira e um outro além, não se segue que se devam odiar, combater-se, matar-se. Mas há um patriotismo que cada homem traz em seu coração, que é feito de emoções íntimas, de alegrias

e de dores comuns, de lembranças sagradas; isso não morrerá, jamais; faz parte integrante da consciência humana. Todavia, essa noção íntima se dilata e se engrandece com o progresso da vida, a supressão das distâncias que separam os povos, o caráter internacional das relações que os reúnem. Um dia esse patriotismo será absorvido pela humanidade inteira e a verdadeira pátria será em toda parte onde o homem nascer, amar e morrer. A difusão do Espiritismo ajudará a essa transformação.

176. E após o amor da humanidade, virá o amor universal?

r. Sim. O pensamento e o amor seguem a mesma lei. Da mesma forma que o progresso do pensamento humano consiste em abarcar horizontes cada vez mais amplos e o gênio do homem pode ser adequado ao universo, assim o coração humano também deve se dilatar, alargar-se indefinidamente pelo crescimento do amor. É por essa lei que o homem se aproxima de Deus. Não somos feitos “à sua imagem e semelhança” senão pela faculdade que nosso espírito possui de abraçar todo o universo num só e mesmo amor.

177. Não estamos ainda muito longe de realizar esse ideal de amor e de bondade universais?

r. Coletivamente, sim; individualmente, não! Existem atualmente na terra almas chegadas a um tal grau de evolução que suas aspirações são mais vastas e maiores que o mundo onde elas vivem. Seus sacrifícios, seus exemplos, seus atos de amor são a maior força do gênero humano. É por essas almas sublimes que Deus prepara as grandes transformações morais do futuro.

178. Podemos esperar que um dia a humanidade coletiva atinja esse ideal de amor e de bondade, que é somente o patrimônio de algumas almas de escol?

r. Sim, seja neste mundo, seja em outros. É a lei dos mundos, que eles mesmos devem alcançar, na luz e no amor, da mesma forma que os espíritos encarnados em sua superfície.

179. Assim, os mundos habitados evoluem também no amor universal?

r. Sim. Da mesma forma que os inúmeros sóis são arrastados com seus cortejos de planetas para um centro irresistível que os atrai, assim as almas e os mundos gravitam em torno do Sol eterno, da Inteligência suprema: Deus.

Essa ascensão, essa subida do universo para os cumes constitui o progresso ilimitado na luz, o movimento, a atividade, a alegria serena. É a vida eterna, na plena acepção desse termo, que resume todo o destino dos seres, toda a história dos povos, toda a evolução universal.

— 0 —

IX

Preces e Evocações

– Para uso dos Grupos Espíritas

O Deus! Pai de todos os seres e de todos os mundos, nós, débeis criaturas, do seio da imensidão elevamos nossos pensamentos e nossos corações para ti, fonte inesgotável, foco sublime de vida, de luz e de amor.

Tu permites que sejamos iniciados no conhecimento da vida futura; tu permites que relações se estabeleçam entre nós e nossos irmãos do espaço, com os que amamos na terra e que nos antecederam na vida espiritual. Por isso nós te agradecemos, do fundo do coração.

Faz que essa intimidade se torne mais estreita e essa comunicação mais profunda, a fim de que obtenhamos a força moral, a coragem necessária para suportar dignamente nossas provas, para vencer nossos defeitos e avançar na senda do bem, praticar com todos e sempre a benevolência, a indulgência, a bondade e a caridade.

E vós, caros guias e protetores invisíveis (dizer os nomes dos espíritos diretores do grupo) vinde nos fazer ouvir vossos conselhos, vossas instruções. Afastai de nós as más influências e desenvolvei em nossos médiuns essas faculdades preciosas que nos permitem recolher seus ensinamentos.

*

O Deus! nosso Criador e nosso Pai, estamos reunidos aqui para honrar teu santo nome e trabalhar no cumprimento de tua vontade e de tua lei, de tua lei de progresso e de trabalho, que é também uma lei de amor.

Neste lunar de nossos estudos, queremos estar recolhidos como em um templo, abandonando todos os pensamentos materiais, todas as preocupações egoísticas que nos afastam de nosso caminho, para sonhar somente em elevar nossas almas até ti e,

sob a influência e a direção de nossos guias, trabalhar por nossa melhoria, por nosso aperfeiçoamento moral.

O Deus! faz penetrar em nós o sentimento de nossos deveres e de nossas responsabilidades, essas responsabilidades que tu proporcionas aos favores, aos benefícios, às revelações, das quais teus filhos são objeto e que temos recebido em abundância. Envia-nos teus Espíritos de luz, a fim de aclarar nosso caminho.

*

Meu Deus, é para ti que vão nossos louvores e nossas preces, para ti, que és nosso Pai, como tu és o Pai dos sóis que brilham sobre nossas cabeças; para ti, que és nosso juiz, nosso consolador, nosso amigo; para ti, que tudo sobe e se eleva, para que, enfim, tudo viva, prospere e engrandeça.

Sabemos, com efeito, que é nos reaproximando de ti que nos tornaremos melhores e mais felizes: porque tu és a bondade e a justiça imensas: elevamos para ti nossas almas reconhecidas, para te pedir ajuda, proteção, a fim de penetrar mais depressa nas sendas da verdade.

*

Ó Deus, que nossa prece suba até ti, na calma da noite! Que ela suba, através dos orbes das esferas, entre os astros e os mundos que cintilam sobre nossas cabeças! Nós te glorificamos e te amamos. ó nosso Pai, tu cuja bondade espalhou sobre nós tantos dons preciosos: a inteligência, a razão, a consciência e a faculdade de amar, que é a fonte e o segredo da felicidade eterna. Esclarece-nos, sustenta nossos passos vacilantes em nossa caminhada, para nos aproximarmos de ti.

Nossos pensamentos se elevam para ti na asa da prece, para ti, soberano ordenador do universo, para ti, de quem vem a vida e que dispuseste todas as coisas com sabedoria, poder e harmonia. Eles sobem a ti para buscar força, socorro e luz.

*

Ó Deus do universo, Deus da humanidade, Pai de toda a sabedoria e de todo amor, nós te oferecemos nossos louvores e

nossas aspirações. Nossos corações estão abertos para ti, nossas vidas estão expostas ao teu olhar. Tu conheces nossos secretos pensamentos. Nós te louvamos pela vida que nos deste, a vida material e a vida espiritual. Somos por ti e estamos em ti. Que nossos pensamentos subam para ti, como o perfume das flores sobe para o céu, como o aroma dos prados e dos bosques se elevam na calmaria da tarde, no silêncio da noite; que nossa alma se una à tua para conseguir força, coragem, consolação!

Faz-nos entrar em comunhão com os Espíritos bons e elevados das esferas celestes, a fim de que cheguemos a um conhecimento mais alto da verdade e de tua lei, a fim de que desenvolvamos em nós mais simpatia, mais amor por nossos semelhantes, por todos os membros da grande família humana.

Possamos nós, com tua ajuda, desprendermo-nos algumas vezes da vida material, compreender e sentir o que é a vida superior, a vida do infinito!

E que teus Espíritos benfeitores, nossos guias, nossos protetores, continuem a nos assistir, a nos sustentar no meio das provas e das dificuldades de nossa tarefa, a fim de que todos nós saibamos que, se a vida terrestre oferece ao homem decepção, tristeza e dor, a vida espiritual é luz, triunfo, paz, amor.

*

Nós te saudamos, ó Deus, Poder infinito, que plainas sobre os mundos, que iluminas os espaços e fecundas os universos. És tu que ligas a Terra aos Céus, que ligas o visível ao invisível, os homens aos Espíritos. Pensamento divino, é de ti que procedem toda a força, todo o socorro, toda a luz.

Pensamento divino, pensamento profundo, és tu que elevas, que fortificas, que encorajas; és o apoio dos fortes, a esperança dos aflitos, a consolação dos infelizes.

É para ti que se dirigem os olhares das multidões que se agitam no campo das existências. É para ti que se elevam o balbucio da criança em seu sonho, o suspiro da virgem, a lamentação dos que sofrem, o grito de apelo do desesperado.

Pensamento de Deus, desce sobre nós, vem enternecer nossos corações, esclarecer nossas inteligências e, contigo, que os ensinamentos de nossos guias nos conduzam para a sabedoria e para a verdade. Nós nos confiamos à sua solicitude.

*

Nós, átomos viventes, perdidos no infinito do espaço e do tempo, elevamos nossos pensamentos até ti, fonte de vida, de amor, de luz, poder eterno, que tudo engendraste, tudo criaste, tudo dispuseste com sabedoria e genialidade. É teu sopro divino que nos fez sair do nada. A todos nós tu prometeste a felicidade de entrar na família divina, após inumeráveis etapas terrestres, porque somos todos teus filhos. Não haverá deserdados, nem rejeitados; os culpados aprenderão a te amar, todos saberão encontrar em tuas leis eqüitativas os meios de se reerguerem, de se reabilitarem.

Dá-nos a força de vontade que nos faz destemer as provas, os grandes sacrifícios e mesmo a morte, quando se trata do progresso humano, da cura das misérias sociais e morais, a fim de implantar sobre a terra o reino de tua vontade e de tua justiça.

Que todos os seres, que todos os mundos unam seus cânticos para te glorificar, te adorar, te louvar, ó nosso Pai dos céus estrelados!

Que todas as vozes se elevem de círculo em círculo, de esfera em esfera, para o poder infinito e divino.

*

Príncipe eterno de luz e de vida, Deus Criador, Pai universal, elevamos para ti nossos pensamentos submissos e recolhidos.

Dá-nos os meios de fazer penetrar no fundo das almas o sentimento da grandeza, da beleza e do poder dessa revelação que tu dispensas pela voz de teus bons Espíritos, a fim de nutrir as inteligências e os corações, utilizar-se dos preceitos para melhoria e progresso de todos.

Glória a essas grandes almas que passaram pela Terra difundindo a luz da verdade! Glória aos nobres mártires de todos

os tempos! Que seus exemplos heróicos nos inflamem para o bem e nos ensinem a imitá-los!

E vós, enfim, nossos guias bem amados, mais próximos de nós, nossos protetores do espaço, vinde ao nosso apelo e continuai a dirigir nossos passos nas sendas do conhecimento.

*

Nós te invocamos, ó Potência criadora e soberana que governas os seres e os mundos. Que teu sopro passe sobre nossas fronteiras, que fortifique a fé dos crentes, que dissipe as dúvidas e as incertezas dos que buscam a verdade.

Faz-nos conhecer tuas leis sublimes, as leis de nossos destinos, o segredo desse futuro que tu reservas a todas as almas corajosas, a todos os que souberam comprimir a matéria, dominar suas atrações, vencer as paixões, os apetites inferiores.

Ensina-nos a te servir, a cooperar em tua obra, a fazer apreciar em nosso derredor o espírito de justiça, a beleza moral, a bondade que procede de ti. Envia-nos os Espíritos de luz, a fim de que eles nos guiem nas sendas da verdade, a fim de que eles fecundem nossas inteligências, reaqueçam nossos corações e desenvolvam em nós essas qualidades, esses poderes ocultos, que dormitam em todo ser vivo. Assim, nós nos elevaremos de grau em grau, até essas alturas onde planam as almas radiosas, os mensageiros de tua vontade.

– Para a França, durante a Guerra

Deus poderoso, escuta os gritos de apelo, os gritos de angústia que se elevam de todos os pontos da Terra de França, essa terra banhada de tanto sangue e lágrimas; escuta a prece dos soldados nas trincheiras, a prece das mães cujos filhos foram ceifados pela metralha, a prece das viúvas e dos órfãos, a prece dos que, como nós, te pedem salvar nossa pobre pátria da queda, da ruína, da destruição.

Dá a nossos defensores a energia, a força da alma, a perseverança no esforço, todos os meios necessários para expulsar

para fora das fronteiras esses inimigos cruéis, que não recuam diante dos mais odiosos meios, a fim de nos esmagar, nos escravizar. Eles ousaram inscrever em seus estandartes esta divisa: *Got mit und* (Deus conosco). Permitirás, Senhor, que teu nome augusto e sagrado esteja associado à obra desses homens que estão cobertos de crimes e de mentiras e que consideram como regras correntes de guerra a violação das virgens, a mutilação das crianças, a pilhagem e o incêndio das cidades, a destruição dos templos e das catedrais? Deixarás impune o aniquilamento desse santuário de Reims, onde aconteceram as maiores cenas da história, onde Joana, tua filha sublime, assistiu à consagração da missão gloriosa que lhe havias confiado?

Não, Senhor, tu não permitirás o triunfo de nossos inimigos; porque, de outra forma, a justiça, a liberdade, a verdade, a bondade, todos esses princípios eternos que derivam de ti, desapareceriam para sempre e a consciência da humanidade seria profundamente abalada.

Mas não, Senhor, tu descerás sobre esta terra de desolação um olhar de piedade, tu atenderás a prece de todos os que, na hora presente, imploram socorro e te gritam: Salva a França de Joana D'Arc, de São Luiz, de Carlos Magno!

– Para um Casamento

Abençoa esta união, Senhor; torna-a feliz e fecunda e que dela resulte uma linhagem de seres que sejam, em nossa época pervertida e perturbada, exemplos de sabedoria e de virtude.

O amor é um raio divino que envolve todos os seres. Por toda parte onde penetra ele ilumina a vida e traça para as almas o caminho das celestes moradas.

O amor conjugal é um reflexo do Alto, porque é dele que provém a família, princípio de toda a civilização. Com efeito, sem a família humana o homem não teria podido sair do estado de barbárie. Foi para abrigar sua mulher e seus filhos que ele construiu cabanas, tendas e, afinal, vilas. Foi para defendê-los

que ele criou a cidade e da cidade nasceu a idéia da pátria, depois a noção da humanidade.

Foi para assegurar seu bem-estar que ele dominou a matéria e conquistou o mundo. A família humana é, por si mesma, apenas um diminutivo da família espiritual, que é mais ampla e mais numerosa e cujos membros se sucedem ou se assistem alternadamente, através de suas existências; uns encarnam na Terra para enfrentar as lutas e as provas da vida, para perpetuar a espécie; outros ficam no espaço, para proteger e sustentar os primeiros. É para tornar a união humana mais estreita e mais profunda que Deus criou o homem e a mulher. O Espírito que os anima é da mesma natureza, mas a forma é diferente; ao homem foram dadas as forças, os grandes pensamentos, que o ajudam a aplainar o caminho; para a mulher, as doces virtudes, que fazem o encanto do lar.

Hoje, vocês vão se unir perante Deus; esta união é sagrada e vocês devem cumpri-la com um coração puro e recolhido. Com este grande ato, vocês asseguram o futuro, atraindo almas já conhecidas e que desejam recomeçar, com a ajuda de vocês, a peregrinação terrena. Para essas almas, transformadas em crianças, vocês devem a doce proteção familiar, o lar digno e respeitado. Deus quer que vocês sejam unidos pelo coração e pelo espírito, a fim de que só tenham um único e mesmo pensamento. Partilhem, em comum, seus sofrimentos e suas alegrias, seus risos e suas lágrimas; apóiem-se um no outro, para percorrer o caminho difícil da existência. Sua confiança e sua ternura mútuas haverão de consolá-los nas provas e preocupações.

O homem não deve ocultar nenhum recôndito de sua alma para sua esposa, nem ela a seu marido. É, pois, necessário que o casamento seja o ato mais grave da vida de vocês. Que Deus os proteja e os sustente, a fim de manter um lar puro e santo.

– Para um Nascimento

Meu Deus, tu enviaste entre nós este Espírito, para que ele cumprisse numa existência nova tua lei de trabalho e de progresso.

Ele acaba de reencarnar na Terra, para desenvolver nela suas faculdades e suas qualidades morais, a fim de se elevar mais alto na hierarquia das almas e se reaproximar de ti, porque este é o objetivo da vida, de todas as vidas.

Permitiste, ó Deus, que ele escolhesse esta família para aí reencontrar a forma, o corpo material, o instrumento necessário à realização desse fim. Faz que ele se torne para seus ascendentes um motivo constante de alegria, de satisfação moral e, mais tarde, um sustento, um apoio. Dá a seus pais o sentimento de seus deveres e de suas responsabilidades para com esta criança, da qual eles devem ser os protetores, os educadores.

Em tua justiça e bondade, tu queres que cada Espírito seja o artífice de sua própria felicidade, que ele construa, com suas próprias mãos, sua coroa de luz e tu lhe deste para isso todos os recursos: a inteligência, a consciência e com elas as forças latentes que sua tarefa precisa para ser posta em ação, em seu próprio bem e no de seus semelhantes. Tu queres, meu Deus, que, nas etapas inferiores de sua evolução, o Espírito suporte a lei da necessidade, isto é, as privações e as dificuldades da vida material; são os muitos estimulantes para sua iniciativa e sua energia, muitos meios para formar seu caráter e seu raciocínio, a fim de que, pelo trabalho, estudo e provas, saia de cada vida maior e melhor do que quando ali entrou.

Pela encarnação, reuniste a forma à idéia, para que a idéia espiritualista a forme e que o ser humano participe, por seus esforços, do progresso e da harmonia universais.

Ó Deus, nós te agradecemos por tua bondade, que envia para nós este Espírito! Que seu guia celeste o proteja, que nossa solicitude o envolva. Seus irmãos o recebem com afeição e ternura; eles se esforçarão em aplinar seu caminho, a fim de que siga sempre a senda da justiça e do amor que conduz para essa

vida superior que tu reservas aos que lutaram, penaram e sofreram!

– Para um Funeral, saída do Corpo

Vosso irmão deixou esta Terra de exílio, este mundo de sofrimento e de lágrimas, para retornar à verdadeira pátria, que é a vida espiritual.

Ó Deus, Pai de todas as almas, recebe-o em tua luz e que suas boas ações compensem e apaguem os erros e as faltas que ele tenha cometido. Não, a morte não é o nada. A morte é a liberação suprema. Ela arranca o Espírito de sua prisão de carne para levá-lo à vida do espaço. O Espírito se encontra diante de todo o seu passado: sucessos e revezes, faltas e desgostos, entusiasmos e decepções, alegrias efêmeras e dores atroz, tudo se desenrola diante dele, como um quadro vivo.

E, nesse espetáculo, no julgamento que ele impõe à sua consciência, ele retira seu castigo ou sua recompensa, seus remorsos ou sua felicidade. A experiência que ele fez de seu poder de irradiação e de percepção, o aspecto brilhante ou turvo de seu envoltório fluídico, a comparação que daí resulta com a situação dos outros espíritos, lhe dão a justa medida do caminho percorrido e dos progressos realizados.

E, mais tarde, após um exame atento, com um conhecimento aprofundado de si mesmo, verá abrir-se a perspectiva, distante porém certa, dos renascimentos terrestres, dos retornos à carne, seja para resgatar, seja para progredir mais ainda, segundo seu grau de adiantamento.

Todavia, qualquer que seja seu estado, o que alegra e consola o Espírito na partida da Terra é reencontrar todos os que ele amou, todos os que ele perdeu na estrada da vida, de vê-los reunidos para recebê-lo e festejar seu regresso à pátria celeste. Eis porque nós te suplicamos, ó Deus!, pai de todas as almas, para permitir que os espíritos amigos do desencarnado, todos os membros de sua família espiritual se reúnam, para acolhê-lo no seio dos espaços.

Que nossos pensamentos cheguem até ele, para dominar a perturbação e a obscuridade que ele possa ainda sofrer. Que nossos fluidos o penetrem e o ajudem a se desembaraçar dos derradeiros liames materiais e a conduzir-se em sua volta para o infinito!

– Na Sepultura de um Espírita

À beira dessa tumba, antes de devolver à terra os despojos de nosso irmão, antes de devolver a poeira à poeira, saudemos o Espírito, em sua volta ao mundo invisível.

Hoje, liberto da escravidão da matéria, ele vai reencontrar os seus bem-amados que o precederam na vida superior, vai recolher na paz serena dos espaços os frutos de uma existência de labores e de provas.

Deus poderoso, sê misericordioso para com ele. Abre-lhe teus vastos horizontes luminosos; permite que ele goze dos esplendores e das harmonias de teu universo infinito.

Faz, Senhor, que, nesse espetáculo grandioso, no estudo que vai fazer do universo, ele obtenha, com uma compreensão mais ampla de tua lei, um desejo ardente de trabalhar em sua evolução e na de seus semelhantes.

Saibam, todos os que me escutam, que são mentirosas as inscrições das quais estamos rodeados: “Aqui jaz um tal”; “Aqui repousa alguém”. Não há mais nada sob o solo, a não ser os restos de vestimentas usadas.

A vida livre do Espírito no espaço é uma vida de atividade e de útil labor; segundo suas capacidades e seu grau de adiantamento, o Espírito recebe missões, que contribuem para elevá-lo mais alto, na escala infinita: missões de proteção para com os que ele deixou na Terra, atendendo que eles vão reencontrá-lo no Além (falar aqui da viúva, dos filhos, se for necessário), missões de ensino e de educação em proveito dos Espíritos inferiores; missões de inspiração e de assistência para com os humanos que

desenvolvem uma nobre tarefa ou que sofrem o peso de provas cruéis.

A vida do Espírito não é uma bela contemplação, porém uma ação constante, em vista de sua elevação e a de todos.

Lembremos aqui o que foi a vida de nosso irmão, isto é, uma vida de labores e de abnegação (enumerar as qualidades do desencarnado). Uma força sempre o assistiu, no meio de suas provas: foi sua fé profunda na vida futura, sua crença no mundo invisível, na justiça eterna, sua crença nas vidas renascentes pelas quais o ser se eleva de grau em grau na escalada dos mundos. Numa palavra, foi o Espiritismo que o sustentou e consolou, fortificou em suas lutas e em seus males.

Essa grande doutrina é, ao mesmo tempo, antiga e nova, porque a verdade é de todos os tempos. Após ter sido esquecida, ela se reanima hoje; ela se expande com um poder e uma rapidez maravilhosa, atrai para si a elite dos pensadores e dos sábios do mundo inteiro. Traz-nos dados precisos, certezas sobre nossa verdadeira natureza, sobre nosso futuro além-túmulo, sobre nossos destinos imortais.

Observem, essa doutrina se apóia em um conjunto imponente de fatos, de provas experimentais, que constituem uma ciência vasta e profunda.

De hoje em diante, está feita a prova de que a morte é apenas uma aparência. Os que acreditamos perdidos revivem de uma vida mais alta e estão, muitas vezes, perto de nós. Comunicações são estabelecidas entre os vivos e os mortos e logo eles se sentirão unidos em uma obra comum de solidariedade e de progresso.

E essa ciência, essa doutrina se manifesta em uma época em que as provas se multiplicam, onde a existência se torna áspera, mais difícil, onde conflitos surgem a cada instante entre as raças, entre os povos, entre as classes sociais.

As lições de guerra, embora tão brilhantes, não nos aproveitaram e uma onda de ódio, de ardentes cobiças, de imoralidade passa pelo mundo; novos males nos ameaçam.

É nessa hora que a voz dos Espíritos se eleva para nos lembrar que há, acima de nós, leis eternas que não se violam impu-

nemente e cuja aplicação pode, por si só, trazer entre nós a paz, a segurança, a harmonia social.

Essa voz vem despertar em nossas consciências perturbadas a noção dos deveres e das responsabilidades, lembrar a todos que o bem, como o mal recaem sobre seus autores e que a alma colhe infalivelmente, em suas vidas sucessivas, tudo o que semeou.

Essa voz, X (o desencarnado) a ouviu; esses ensinamentos, ele os compreendeu. Toda a sua vida foi também boa e exemplar.

E eis porque nós, que partilhamos de suas crenças, nós que temos fé na sobrevivência e imortalidade, estamos nesta sepultura para dizer ao Espírito invisível, mas não ausente, não esse adeus final, que se ouve tão freqüentemente retumbar sobre as campas, porém um cordial até logo! Até logo, nessa vida nova que se abre diante dele, nessa vida superior, onde nós nos reencontraremos todos.

– Para a Festa dos Mortos

Temos que cumprir neste dia um dever sagrado: honrar a memória de nossos mortos bem amados, os que conhecemos na Terra e que nos precederam na vida do espaço. Elevemos também nosso pensamento para as almas sofredoras, para os humildes e os ignorados, para os pobres espíritos abandonados, esquecidos de todos, que estão mergulhados na perturbação e na sombra, para os que vagam, sem amigos, sem apoio, na imensidão sem limites, para os criminosos e os suicidas, que são, como nós, filhos de Deus.

Possa nossa voz chegar até eles e lhes dizer que não estão sós no vasto universo; que há na Terra pessoas que simpatizam com seus males, que querem seu bem, seu alívio. Que nosso pensamento, como um fluido benfeitor, possa penetrá-los, consolá-los, encorajá-los, dando-lhes a força de reparar suas faltas, de trabalhar por sua melhoria, por sua elevação moral. Que Deus, em sua infinita bondade, os esclareça e lhes faça misericórdia.

A festa dos mortos é a festa dos Espíritos e também, por excelência, a da solidariedade universal. Com efeito, Espíritos encarnados na Terra, prosseguindo no seio da matéria a tarefa a todos imposta, ou então Espíritos desligados dos liames carnis e planando no espaço, todos nós formamos uma única e mesma família; a imensa família das almas, oriundas de Deus e destinadas a nele se unirem.

Pela grande lei da reencarnação, os dois mundos se aproximam e se misturam sem cessar. Amanhã estaremos entre os que chamamos de mortos e que estão mais vivos do que nós. E, quanto a eles, retomando um novo corpo, uma nova vida, retornarão ao seio desta humanidade à qual já pertenceram, a fim de prosseguirem em suas fileiras o cumprimento da lei divina do trabalho e do progresso.

Não esqueçamos que um laço de reconhecimento e de amor nos liga aos Espíritos dos mortos. Não é a eles, a seus esforços, que devemos essa gloriosa marcha progressista, essa ascensão da humanidade para a luz? Não foi ao preço de suas lutas, de seus sofrimentos, muitas vezes de seu martírio, que foram edificados, através dos séculos, estes bens intelectuais, esta civilização da qual usufruímos hoje?

Não há uma única descoberta, uma grande e generosa idéia, uma única liberdade que não devamos aos que passaram pela Terra antes de nós e que compõem, na hora presente, o mundo espiritual.

É deles que nos vem essa herança sagrada, esses tesouros do pensamento e do coração, que temos o dever de engrandecer, de aumentar, de transmitir às gerações de almas que virão depois de nós, assegurar a marcha dos povos para o eterno ideal da perfeição.

O Espiritismo é a afirmação dessa poderosa solidariedade, é ele que nos mostra essa cadeia infinita, desenrolando-se através do passado e do futuro, antes de nosso nascimento e além de nossa morte, e nos ligando a todos os seres que povoam a imensidade. Afirmamos à face do mundo essa santa comunhão dos vivos e dos mortos, pela qual encarnados e desencarnados,

através de suas vidas renascentes, trabalham uns pelos outros e preparam os destinos da humanidade futura. Nós nos achamos em presença de uma revelação nova, de uma grande verdade que raia no mundo, ilumina nossos horizontes e fixa nosso fim. Com ela, no lugar do nada, perspectivas sem limites se desenrolam aos nossos olhares, um campo sem limites se abre para nossa atividade. O prodigioso encadeamento dos princípios e dos seres se revela. Mostra-nos em uma renovação eterna a vida sucedendo a morte, a morte coroando a vida. E, longe de nos apavorar com essas mudanças, sabemos agora que estão aí as alternativas necessárias, as fases sucessivas da duração de nosso ser indissolúvel, dessa alma que, gravitando de vida em vida com suas irmãs os degraus da escala suprema, crescerá sem cessar em poder, em sabedoria, em virtude.

E nós devemos constatar-lo com um profundo sentimento de gratidão, de todos os bens que devemos aos mortos, eis o mais precioso, aquele que somente nós, espíritas, gozamos neste mundo! Essa revelação de nossos destinos, esse conhecimento das leis divinas, leis de justiça e de amor que regem o universo, é aos Espíritos que o devemos. É deles que temos essa luz que dissipa toda incerteza e nos mostra no lugar da incoerência, do caos, a santa harmonia dos seres e das coisas.

Sim, é aos mortos que devemos esse ensino sublime que consola nas provas, que dá a força de suportar os males de que toda vida está repleta.

Uma ação recíproca, incessante, se opera entre os mortos e nós. Os Espíritos nos inspiram, nos guiam, nos protegem. Os que nós amamos na Terra e que acreditávamos perdidos estão muitas vezes ao nosso lado; eles vivem de nossas vidas, sorriem com nossas alegrias, se entristecem com nossas fraquezas e com nossas quedas, combatem e sofrem moralmente conosco.

Oh, como esse pensamento nos encoraja a todos! Que o desejo de revê-los, de viver com eles na paz, na felicidade, sustente nossos passos, facilite nossos progressos e nos torne melhores! A certeza de que eles são testemunhas de nossos atos, conhecem nossos desejos, nossas aspirações nos faça evitar tudo o que poderia afligi-los e nos fazer enrubescer em sua presença. A

convicção de que eles participam de nossa vida será para nós como uma fonte de onde fluirão as resoluções salutares, a vontade enérgica de agir melhor e, por isso, torná-los-á felizes e orgulhosos de nós.

Trabalhem, pois, por tornar mais estreita e mais viva essa grande lei de solidariedade na vida e na morte.

Ensinemo-la a todos, porque ela contribuirá para restabelecer a fraternidade entre os homens.

Honremos nossos mortos queridos. Veneremos esses Espíritos gloriosos a quem devemos as conquistas da ciência e da verdade, todos os que, nas sombrias épocas da história, prepararam com sofrimento e lágrimas os benefícios dos quais nos aproveitamos atualmente. Honremos os pensadores, os lutadores austeros que tombaram combatendo pela causa do bem, todos os apóstolos da luz, todos os nobres Espíritos que planam nas regiões felizes, que guiam os povos em sua marcha para frente, e todos os que, no curso da última guerra, ofereceram sua vida em holocausto para nos conservar uma pátria grande, livre e respeitada.

Honra, pois, a vós, mártires ilustres ou obscuros, a vós todos que consagrastes vossas vigílias, vossa saúde, vossa existência na defesa das grandes verdades, pelas quais o mundo é regido; a vós todos que, pelo bem das raças humanas fostes perseguidos, torturados e mortos nos calabouços e nos patíbulos. Honra a vós também, Espíritos simples e bons, cuja existência foi toda de sacrifícios, de devotamento a vossos semelhantes. Irmãos mais velhos, que abristes, antes de nós, a trilha do progresso e nos servis de exemplo, vinde até nós, neste dia que consagramos à vossa memória, vinde reaquecer nossas almas e fazer reinar entre nós a paz do coração, a caridade, a santa fraternidade. Inspirai-nos a sabedoria e o amor ao bem. Guiai nossos passos nas sendas da luz, da Eterna Vida.

FIM

Notas:

-
- ¹ Com relação às dimensões e distâncias expressas em léguas nas questões 35, 36 e 37, lembramos que esses quantitativos são aproximados e se referem ao conhecimento da Astronomia no século XIX. Hoje, com instrumentos astronômicos mais modernos, essas grandezas também são conhecidas com maior precisão (Nota do revisor).
- ² O professor Charles Richet propôs o termo *xenoglossia*, com o intuito de distinguir, de modo preciso, a mediunidade poliglota propriamente dita, pela qual os médiuns falam ou escrevem em línguas que eles ignoram totalmente. Diferentemente, na *glossolalia*, os médiuns sonambúlicos falam ou escrevem em pseudolínguas inexistentes, elaboradas nos recessos de suas subconsciências (vide Ernesto Bozzano, *Xenoglossia*, Introdução).